

A ALIMENTAÇÃO COMO SÍMBOLO DE MEMÓRIA: O CASO RONDONÓPOLIS/MT

William Ferreira Alves ¹
Marcelo Cervo Chelotti ²

RESUMO

A Geografia tem explorado a relação entre alimentos, pessoas e seus ambientes, oferecendo análises que nos ajudam a entender as dinâmicas territoriais. Este artigo visa compreender a alimentação dos migrantes em Rondonópolis/MT e como ela afeta o processo de des-reterritorialização. A pesquisa utiliza revisão de literatura e observação em campo, com foco nos migrantes gaúchos e na Terra Indígena Tadarimana. Observa-se que a alimentação é uma parte importante da memória coletiva dos migrantes, embora tenha negligência em relação à alimentação dos povos Boe Bororos na criação de um prato típico no contexto institucional municipal.

Palavras-chave: Alimentação, Migração, Território, Des-Reterritorialização, Rondonópolis.

ABSTRACT

Geography explores the relationship between food, people and their environments, offering analyzes that help us understand territorial dynamics. This study aims to understand the nutrition of migrants in Rondonópolis/MT and how it affects the de-reterritorialization process. The research uses literature review and field observation, focusing on Gaucho migrants and the Tadarimana Indigenous Land. It is observed that food is an important part of the collective memory of migrants, although there is negligence regarding the food of the Boe Bororos people in the creation of a typical dish in the municipal institutional context.

Keywords: Food, Migration, Territory, De-Reterritorialization, Rondonópolis.

INTRODUÇÃO

Para a Geografia, a alimentação sempre se constitui como um produto da relação do homem com o seu meio, com os indivíduos dependendo – mas também interferindo – no seu entorno, criando tecnologias de produção, coleta e preparo compatíveis com suas realidades (BAHL *et al.*, 2011). Assim, Ferro (2013) correlaciona a cultura com o ato de se alimentar, por entender que não é somente uma satisfação biológica, mas também uma imersão sociocultural,

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS). Membro do Núcleo de Estudos em Geografia, Agricultura e Alimentação – NUGAAL/CNPq. Professor de Geografia da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Email: alves.william@acad.ufsm.br.

² Professor Associado do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS). Líder do Núcleo de Estudos em Geografia, Agricultura e Alimentação – NUGAAL/CNPq. Email: marcelo.chelotti@ufsm.br.

é um meio de expressão decorrente das necessidades locais, principalmente geográficas, aliadas aos fatores de construção social.

Nesse contexto, o objetivo do trabalho é a discussão dos alimentos dentro das Geografias, com foco no sujeito migrante no município de Rondonópolis/MT. Em se tratando de um objeto de estudo localizado no Centro-Oeste brasileiro, a discussão torna-se mais relevante, por ser uma área que recebeu um grande volume de população. A metodologia utilizada será a revisão narrativa de literatura e observação em campo com os resultados apresentados em forma de síntese descritiva e análise interpretativa.

METODOLOGIA

O artigo utiliza da revisão bibliográfica em Geografia dos Alimentos para discutir a influência na territorialização dos que migram. Utilizou-se análises que tratem da migração e suas consequências para a formação de identidades territoriais e estudos específicos sobre Rondonópolis/MT. A análise crítica e reflexiva da literatura consultada será fundamental para a construção do conhecimento científico, que permitirá a compreensão do papel da alimentação na construção de identidades territoriais em Rondonópolis/MT.

REFERENCIAL TEÓRICO

Kneafsey *et al.* (2021) e Menezes e Mendes (2019) destacam a importância da relação entre alimentação e geografia, demonstrando como esses dois aspectos estão profundamente interligados e desempenha um papel fundamental na criação de geografias. Kneafsey *et al.* (2021) enfatizam que a alimentação e suas geografias estão intimamente conectadas, pois os alimentos são moldados de maneiras únicas pelos locais onde são cultivados, processados, vendidos, preparados e consumidos. Além disso, essa interação entre alimentação e geografia é bidirecional, o que corrobora com os estudos de Joassart-Marcelli (2022), uma vez que tanto a produção quanto o consumo de alimentos moldam e remodelam esses lugares.

Por sua vez, Menezes e Mendes (2019) destacam a importância de atrelar o espaço geográfico à memória social, à produção, circulação e ao consumo dos alimentos como forma de abordar os desafios das configurações socioespaciais contemporâneas. Enfatizam que o estudo dos alimentos é transversal, podendo ser realizado por diversas ciências, uma vez que não está atrelado a uma área do conhecimento específica, refletindo a complexidade e a interdisciplinaridade do tema.

Além disso, Menezes e Mendes (2019) observam que os alimentos desempenham um papel fundamental na discussão da Geografia, na sua compreensão como manifestações culturais e na análise por meio da territorialidade que influencia a reprodução de grupos nos espaços rurais e urbanos. A relação entre rural e urbano extrapola a análise local e permite que a Geografia analise de forma "Glocal" (SWYNGEDOUW, 1997), ressaltando como a comida incorpora as escalas relacionais do local e do global, bem como tudo o que está entre elas.

Entre o local e global há sujeitos que vivem e refazem constantemente as geografias dos alimentos, e sendo sujeitos, carregam em si suas identidades. Essa relação entre alimentação e identidade tem sido objeto de crescente interesse e estudo no campo acadêmico, onde autores como Fumey (2008), Kneafsey *et al* (2021) e Joassart-Marcelli (2022) contribuíram significativamente para a compreensão das complexas interconexões entre a alimentação e a construção da identidade pessoal e cultural.

Fumey (2008) ressalta a importância da alimentação como um reflexo da nossa relação com o mundo, argumenta que se alimentar não é simplesmente o resultado de uma cadeia de produção agrícola, mas, em vez disso, é um sistema de escolhas permeado por influências culturais complexas. Essas influências incluem elementos como religião e dietas que orientam os tipos de ingestão alimentar de forma individual ou coletiva. Entende-se que a alimentação não é apenas uma necessidade biológica, mas um veículo que carrega consigo significados profundos e que atua como um meio de expressão de nossa identidade.

Kneafsey *et al.* (2021) contribuem para a discussão ao introduzir o conceito de "material-semiótica", destacando que os alimentos não são meramente substâncias físicas; eles são igualmente portadores de camadas de significado cultural. A comida é profundamente associada às identidades individuais e culturais, e ela desempenha um papel essencial em definir quem somos, de onde viemos e quem aspiramos ser. A compreensão da comida como um fenômeno "material-semiótico" nos ajuda a apreciar sua complexidade e riqueza como um meio de expressão e identidade.

Joassart-Marcelli (2022) reforça essa ideia, enfatizando a relação intrínseca entre a alimentação e a construção da identidade, que não só molda quem somos, mas também nos revela aos outros. Nossos hábitos alimentares e as escolhas de alimentos que fazemos não são apenas decisões práticas; eles são indicativos de nossa identidade e pertencimento a grupos culturais. A alimentação, assim, atua como uma ferramenta de autoexpressão, permitindo-nos fortalecer nossa conexão com nossa herança cultural e, ao mesmo tempo, comunicar essa identidade aos outros.

As perspectivas de Fumey (2008), Kneafsey *et al.* (2021) e Joassart-Marcelli (2022)

convergem na ideia de que a alimentação desempenha um papel fundamental na construção e expressão de identidades, tanto pessoais quanto culturais. A alimentação não é apenas uma questão de nutrição, mas um sistema intrincado de escolhas que carrega consigo uma riqueza de significados e influências culturais. Compreender essa relação é essencial para apreciar a profunda ligação entre alimentação e identidade na importância da compreensão da diversidade cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o período colonialista, os fluxos migratórios no território brasileiro se perpetuaram com o objetivo de ocupar os grandes “vazios” demográficos decorrentes de uma unidade territorial que se consolidou tão extensa. Neste sentido, as migrações influenciaram a formação das identidades territoriais, que, para Neto (2012), representam a dinâmica dos movimentos de reconstrução dos territórios.

Silva (2019) salienta que o conceito de território pressupõe relações de poder, que podem ser simbólicas e afetivas, incidindo nas identidades culturais e na formação das territorialidades. Dessa forma, o território pode ser material e imaterial, pois é tecido pela apropriação espacial do espaço geográfico no qual o homem passa a estabelecer distintas relações de poder. Quando ocorrem as migrações, tem-se o processo de des-reterritorialização e a partir dessa relação com o novo território, estabelecem-se novas organizações, buscando formas de manutenção de seus valores, crenças e preferências (MANFIO; PIEROZAN, 2019).

Para Neto (2012) ao se des-territorializarem, os grupos sociais experimentam uma re-territorialização, ainda mantendo os laços com seus territórios de origem, procurando materializar características culturais semelhantes. Porém, as alterações são inevitáveis e ocorrem em âmbito material e imaterial. Abrangem códigos como estilo da casa, gastronomia, templos e costumes, valores e crenças.

É no simbolismo, nas representações e nas ritualísticas presentes na memória coletiva desses grupos sociais que migraram, que eles buscam se relacionar com esse novo território. Saquet e Briskievicz (2009) descrevem que a memória coletiva de um grupo social precisa de uma referência territorial e que território, territorialidade e identidade se complementam. Esses indivíduos compõem um sentimento de pertencimento ao novo território, enquanto passam a fazer parte dele. Dessa forma, com o passar do tempo, esse território influi e é influenciável por

esses grupos migratórios que acabam deixando “marcas”, que são perpassadas à medida que surgem descendentes.

Bum Neto (2012) expõe que as referidas “marcas” são essenciais para que se entendam as des-reterritorializações ocorridas nos territórios, suas mudanças e permanências, e como influem na dinâmica dos processos de identificação. É no processo de identificação e reforço identitário, exercido principalmente por meio da alimentação, que os sujeitos se relacionam com novos territórios. Estes sujeitos que migram, acabam exercendo um conjunto de práticas culturais alimentares, criando cozinhas em novos territórios.

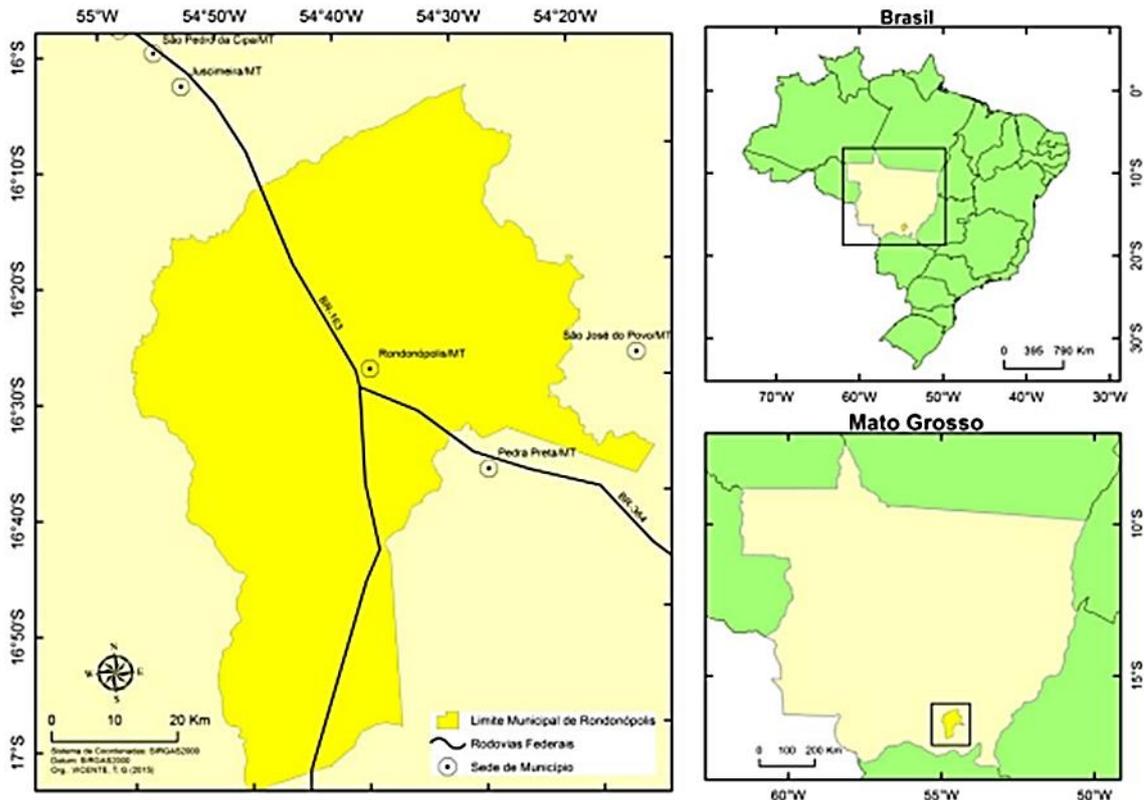
Barroco e Barroco (2008) entendem que a alimentação não é só uma ação biológica, mas é também social e cultural, e possui um significado simbólico para cada sociedade e para cada cultura. É um fator de diferenciação cultural, uma vez que a identidade é comunicada pelas pessoas também através do alimento, que reflete as preferências, as aversões, identificações e discriminações através da alimentação. Corroborando com Menezes e Mendes (2019), entende-se que a alimentação também é memória, pois opera muito fortemente no imaginário de cada pessoa, reforçando as diferenças, as semelhanças, as crenças e a classe social a que se pertence, por carregar as marcas da cultura (BARROCO; BARROCO, 2008).

Para Zuin e Zuin (2008) a alimentação é uma manifestação cultural importante, onde a cozinha é um símbolo cultural, de memória e, também, de identidade, pois, por meio do alimento, herdamos também os costumes, as tradições e a cultura. Dessa forma, os hábitos alimentares e práticas culinárias podem contribuir para manter algum tipo de identidade étnica, local ou regional, essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos aos seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informam quem são e de onde vêm (BARRETTO, 2000).

Em se tratando de des-reterritorializações, temos Rondonópolis (Mapa 01) como objeto de debate deste artigo, sendo um município localizado na região Sudeste do Estado de Mato Grosso, a 212 quilômetros de Cuiabá, com população estimada - no ano de 2021 - de 239.613 mil habitantes (IBGE, 2022). O relevo é constituído de terrenos aplainados e de chapadões levemente ondulados, sendo cortado pela área urbana pelos rios Vermelho e Arareau, que fazem parte da bacia do Rio São Lourenço, afluente do Pantanal. A vegetação predominante na região é dos cerrados e cerradões, com manchas florestais (SARAIVA, 2020). O Mapa 01 possibilita melhor visualização:



Mapa 01: Localização de Rondonópolis-MT



Fonte: Santos *et al.* (2016)

Saraiva (2020) destaca que Rondonópolis possui uma posição geográfica estratégica, o que contribui para o alto índice migratório, como ocorreu com a migração de gaúchos para a cidade. De acordo com Guimarães (2003), o estado de Mato Grosso tinha a crença de que as populações da região Sul/Sudeste seriam os melhores povos destinados a preencher os "vazios" e as "faltas" no estado, sendo assim, as autoridades mato-grossenses não mediram esforços para atrair para o estado essa "raça superior". Lenharo (1986) comenta que ao tratar da questão da terra em Mato Grosso "em primeiro lugar, abriu-se espaço para o colono do Sul, branco, de origem europeia, preferido em relação ao nacional, geralmente de origem nordestina". Seguindo essa linha de construção do território de Rondonópolis, Saraiva (2020) destaca que a memória que se quer legitimar é a de que somente os elementos vindos "de fora", geralmente do Sul, são capazes de trazer o desenvolvimento e o progresso, o que representa a depreciação dos elementos regionais.

Na perspectiva de formação da população do município, em análise aos Censos do IBGE de 1970 e 1980, nota-se que a maioria dos migrantes tinham como origem o estado de Mato Grosso, com percentuais de 47,8% em 1970 e 57,2% em 1980. Em segundo lugar, destacam-se os migrantes provenientes da região Nordeste, com 26,8% em 1970 e 13,0% em 1980. Os migrantes do Sul e Sudeste apresentam percentuais menores, com destaque para o Sul, que teve



um aumento significativo de 1,4% em 1970 para 3,5% em 1980. No Censo de 2010, os nascidos na região Sul eram de 13.853.

Como reflexo da presença da migração gaúcha para a cidade, tem-se o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Saudades da Querência, onde utilizam espaços para manifestações culturais que remontam, para muitos, os anos vividos no Rio Grande do Sul. O grupo de Imagens 01, foram retiradas na página oficial no Facebook do CTG e mostram convites e festividades desenvolvidas.

Imagem 01: Fotografias divulgadas no CTG Saudades da Querência



Fonte: CTG Saudade da Querência (2022)

Para Joassart-Marcelli (2022) e verificado nas imagens, tal como as gerações anteriores, os imigrantes recorrem frequentemente à comida em busca de conforto, ligações, tarefas domésticas e resistência à marginalização e à discriminação. Para alguns, existe um desejo de se agarrarem ao passado e resistirem à mudança, estruturando e regulamentando os hábitos alimentares para refletirem algum sentido de pureza étnica (JOASSART-MARCELLI; 2022).

Joassart-Marcelli (2022) apresenta uma visão pessimista, ao discorrer que na literatura sobre o papel da alimentação nas comunidades de imigrantes, assume-se normalmente que, com o tempo, à medida que os imigrantes e os seus descendentes são assimilados cultural e economicamente, a alimentação enquanto forma de conexão ao passado, acaba por perder o seu



significado. Embora preparar e consumir comida tradicional seja uma parte importante da vida cotidiana dos imigrantes de primeira geração, torna-se mais simbólico e constrangedor para as gerações subsequentes, sendo reservada para ocasiões festivas (JOASSART-MARCELLI; 2022).

Essa assimilação se mostra presente no elevado número de estabelecimentos que ofertam refeições para o almoço e janta, tendo como proposta o churrasco. O que se apresenta conformidade com os estudos de Rocha (2006), que ao estudar as multiterritorialidade do migrante gaúcho em Mato Grosso, constatou que este grupo social expressa sua identidade por marcadores identitários regionais, como o chimarrão e o churrasco.

Rocha (2006) ressalta a importância da representação do churrasco e da cuca como um dos mais característicos pratos da culinária gaúcha em Mato Grosso. O que foi observado em campo com a presença de jovens no exercício de churrasqueiros e na venda de panificação de cuca na Escola Estadual Daniel Martins de Moura, conforme observado na Imagem 02.

Imagem 02: A comercialização do churrasco e cuca em Rondonópolis, 2022



Fonte: os autores

As imagens registradas estão em consonância com o que Rocha (2006) registrou sua análise etnográfica:

[...] a cuca, o pão feito em casa com schmier (ou chimia), o biscoito da colônia, assim como, o churrasco, a polenta frita e o sagu com creme de baunilha são alimentos que compõem a



minha memória de “comida gaúcha” que me foram oferecidas por ocasião das visitas às famílias de “gaúchos” em Lucas do Rio Verde.

Entendendo que o contingente migratório no município de Rondonópolis/MT não se constitui exclusivamente de gaúchos, mas de uma variedade de sujeitos com origens distintas, em 2013 o Departamento de Turismo da Secretaria de Desenvolvimento Econômico da cidade realizou um concurso gastronômico para escolher o seu prato típico. Segundo a própria secretaria, essa foi uma tentativa de criar uma representação gastronômica vinculada a este território, com o objetivo de “criar um prato que representasse a culinária de Rondonópolis e seus 60 anos de emancipação política” (EMERSON, 2013).

Os pratos finalistas foram: Lasanha Pintado à Rondonópolis; Costela Recheada Rosa Bororo por Vanderlei Farias; Filé à moda Rondon; Rondonópolis P.O; Panelinha Rondonópolis; Roobife no palito; Pintado à Rio Vermelho (EMERSON, 2013). O portal institucional não apresenta mais os ingredientes utilizados nas receitas, para que compreendêssemos em completude os ingredientes utilizados. Teve-se como vencedor o prato "Roobife no palito", como visualizado na Imagem 03:

Imagem 03: Roobife no palito



Fonte: Emerson (2013)

Ainda para o Departamento de Turismo da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (2013) o concurso gastronômico é um exemplo de como a culinária está ligada à cultura e



identidade de uma região. Cada prato finalista foi criado a partir de elementos locais e históricos, evidenciando como a culinária pode ser um importante patrimônio cultural (EMERSON, 2013). Importante ressaltar que não foram descritas as receitas dos pratos nos portais institucionais. Além disso, é interessante notar que o evento foi organizado pelo Departamento de Turismo da cidade, indicando que a gastronomia é uma forma de atrair turistas e fomentar o desenvolvimento econômico local.

Em contrapartida, Souza (2014) ao utilizar da etnografia para estudar a comunidade indígena da etnia “Bóe Bororos” da Aldeia Central de Tadarimana, identificou a presença de pratos típicos elencados por essa comunidade no projeto “Festa de comidas típicas”, desenvolvido pela escola Escola Municipal Rural Leosídio Fermau.

A resalta para esta atividade na Terra Indígena Tadarimana é devido a sua importância na preservação de hábitos e práticas indígenas que antecedem o processo de municipalização de Rondonópolis. Além de que 97,88% do território de Tadarimana encontra-se no município de Rondonópolis, representando 9.578,86 (há) (TERRA INDIGINA, 2023). Com a presença nesse território e a pesquisa de Souza (2014) em 2012, observou-se uma discrepância nos pratos apresentados na “Festa das comidas típicas” em Tadarimana em relação ao concurso do Departamento de Turismo da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (2013), conforme observado nos pratos elencados por Souza (2014):

Noidoa kujago e noidoa kuru (refresco à base de palmito), akokugu (mingau de polpa de bociúva), jumeturenotadado (massa de mandioca assada com castanha de coco de babaçu), kuiadakuru (chicha de milho), aroiakuru (chicha de arroz), boe kugu (mingau de caldo de caça ou de peixe com arroz, farinha de milho ou de mandioca), aroiamireu (bolo de arroz), kuiadamireu (bolo de milho), iworu (bebida de acuri), noidoa meture ou ateu tadado (massa de palmito com castanha), peixe assado, peixe na água (peixe ensopado), milho cozido, batata-doce cozida, beiju e outros.

A Imagem 04 mostra alguns pratos e o momento de degustação:

Imagem 04: Mesa de degustação “Festa de comidas típicas”, 2012



Fonte: Souza (2014)

Joassart-Marcelli (2022) alerta que especificamente as vozes dos camponeses e dos povos indígenas foram excluídas dos debates sobre o que constitui o patrimônio alimentar. Ressalta que patrimônio alimentar na maioria das vezes tem mais a ver com a gastronomia comercializada para consumidores do que com hábitos alimentares quotidianos, incluindo competências, conhecimentos e práticas, que necessitam de salvaguarda.

Assim, ao dar foco para a migração gaúcha, observa-se que no processo de des-territorialização, os migrantes trazem consigo memórias, valores e sabores que buscam replicar no novo lugar, buscando uma identificação que fique mais que no plano da saudade. Neste processo, novas territorialidades e se convergem, como a dissonância observada entre o prato eleito como típico pelo Departamento de Turismo e os pratos típicos apresentados na “Festa das comidas típicas”. Cabe a Geografia dos Alimentos ajudar na compreensão desses fenômenos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da territorialidade, seja em Rondonópolis/MT ou em outro grande “vazio”, não é apenas a formação de uma delimitação geográfica, mas uma construção histórica, social, econômica, política e cultural, permeada por relações de poder e influenciando a formação das identidades territoriais. A apropriação espacial e simbólica do novo território pelos migrantes leva a um processo de des-territorialização e re-territorialização, que mantém laços com o território de origem, mas busca adaptar-se e preservar suas características culturais.

Nesse sentido, a alimentação é uma das práticas que se destacam como uma forma de reforçar a identidade cultural e de se relacionar com o novo território. A interação entre comida e geografia é um campo de estudo interdisciplinar que oferece reflexões sobre como a produção, circulação, consumo e significado dos alimentos moldam e são moldados pelas geografias em que ocorrem, influenciando as dinâmicas socioespaciais contemporâneas.

AGRADECIMENTOS

Apoio da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT) por meio da Licença Qualificação Profissional estabelecida pelas Leis Complementares Estaduais nº 04/1990, nº 50/1998, Decreto nº 6.481/2005 e Instrução Normativa Nº 001/2023/GS/SEDUC/MT.



REFERÊNCIAS

BAHL, M.; GIMENES, M. H. S. G.; NITSCHKE, L. B. Territorialidade gastronômica: as cozinhas regionais como forma de mediação do homem com o meio e como atrativo turístico. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-16, 2011

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus, 2000.

BARROCO, L. M. S; BARROCO, H. E. A importância da gastronomia como patrimônio cultural, no turismo baiano. **TURYDES: Revista sobre Turismo y Desarrollo local sostenible**, v. 1, n. 2, p. 4, 2008.

CTG SAUDADE DA QUERÊNCIA. Texto sobre festividades. Rondonópolis, 04 de abr. 2022. Facebook: CTG Saudade da Querência. Disponível em: https://www.facebook.com/ctgrondonopolis/about?locale=pt_BR. Acesso em: 02 de mai. 2023.

EMERSON D. **Prefeitura de Rondonópolis**, 2013. Concurso culinário escolhe prato típico e espetinho vira símbolo da gastronomia local. Disponível em: <http://www.rondonopolis.mt.gov.br/noticias/concurso-culinario-escolhe-prato-tipico-e-espetinho-vira-simbolo-da-gastronomia-local/>. Acesso em: 02 de fev. 2023.

FERRO, R. Gastronomia e Turismo cultural: reflexões sobre a cultura no processo do desenvolvimento local. **Contextos da Alimentação–Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade**, v. 2, n. 2, 2014.

FUMEY, G. **Géopolitique de l'alimentation**. 1.ed. Auxerre: Sciences humaines, (2008)

GUIMARÃES, S. C. S. **Arte e identidade: Cuiabá 1970 – 1990**. 2003. 159 f. Dissertação (Mestrado em História), 2003. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População Estimada [2021]**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/rondonopolis/panorama>. Acesso em 12 set. 2022.

JOASSART-MARCELLI, P. **Food Geographies: Social, Political, and Ecological Connections**. 1.ed. Lanham: Rowman e Littlefield, 2022.

KNEAFSEY, M., MAYE, D., HOLLOWAY, L., GOODMAN, M. K. **Geographies of food: An introduction**. 1.ed. London: Bloomsbury Publishing, 2021.

LENHARO, A. A terra para quem nela trabalha: a especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v. 6, n.12,1986. P. 32 – 57.

MANFIO, V; PIEROZAN, V. L. Território, cultura e identidade dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul: uma análise sobre a Serra Gaúcha e a Quarta Colônia. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 23, n. 1, p. 144-162, 2019.



MENEZES, S. de S. M.; MENDES, G. F. O ESPAÇO GEOGRÁFICO PARA ALÉM DE SUAS MATERIALIDADES: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E O SABER FAZER DOS ALIMENTOS. **Geopauta**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 37-52, 2019. DOI: 10.22481/rg.v3i3.5827. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/geo/article/view/5827>. Acesso em: 6 nov. 2023.

NETO, H. B. **Os territórios da imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul**. 2012. 318 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/105015>>. Acessado em: 15 de set. 2022.

ROCHA, B. N. “**Em qualquer chão: sempre gaúcho!**” – A multiterritorialidade do migrante “gaúcho” no Mato Grosso. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2006.

SANTOS, C. A. M.; VICENTE, T. G.; FUSHIMI, M. Mapa de Fragilidade Ambiental do Município de Rondonópolis: contribuição geomorfológica para escolha de áreas para implantação de aterro sanitário. **Biodiversidade**, v. 15, n. 3, 2016. MT. **Revista Brasileira de Geofísica**, v. 23, p. 89-98, 2005. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/4265>> Acesso em: 13 de mar. 2023.

SANTOS, C. A. M.; VICENTE, T. G.; FUSHIMI, M. Mapa de Fragilidade Ambiental do Município de Rondonópolis: contribuição geomorfológica para escolha de áreas para implantação de aterro sanitário. **Biodiversidade**, v. 15, n. 3, 2016. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/4265>> Acesso em: 13 de mar. 2023.

SARAIVA, G. G. **A invenção de Rondonópolis: as descontinuidades do discurso historiográfico**. Alto Araguaia, MT: Ge Revisa Editora, 2020.

SILVA, Marcia Alves Soares Da. **Geografia cultural: caminhos e perspectivas**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

SOUZA, L. A. de. **Bakaru na comunidade indígena Bororo da aldeia central Tadarimana, em Rondonópolis – Mato Grosso: conceitos e manifestações**. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, 2014.

SWYNGEDOUW, E. Neither global nor local: ‘glocalization’ and the politics of scale. In: COX, K. (Org). **Spaces of globalization**. 1.ed. New York: Guilford Press, 1997.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. **Terras Indígenas**, 2023. Terra Indígena Tadarimana. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3862#demografia>. Acesso em: 02 de nov. 2023.

ZUIN, L.F.S.; ZUIN, P. B. Produção de Alimentos Tradicionais: contribuindo para o desenvolvimento local/regional e dos pequenos produtores rurais. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 4, p. 109-127, 2008.